

## **Corpo, mídia e cidade: o desafio de ser-em-comum**

Raika Julie Moisés<sup>1</sup>

### **Resumo:**

Este artigo tem como ponto de partida as relações que se estabelecem entre o corpo, a mídia e a cidade, com destaque para os corpos que estão fora dos padrões midiáticos, mas que circulam e resistem à lógica excludente e separatista das cidades. Em contrapartida, cada vez mais indivíduos e coletivos escapam destas convenções com performances comunicacionais, artísticas e culturais em busca da comunhão entre o ser, estar e intervir nos espaços urbanos. Visibilizar-se, nesse contexto, significa dispor de capacidades para tornar narrativas verossímeis, fazer com que determinados problemas sejam reconhecíveis mesmo por aqueles que não os sofrem diretamente. Estão presentes neste trabalho reflexões a respeito dos corpos que circulam pela cidade; de práticas comunicativas não-excludentes e participativas, uso comum dos meios e processos de mediações que articulam comunicação, cultura e política.

**Palavras-chave:** cidade, corpo, mídia, rejeição, encontro, comunhão.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro

“Tá lá o corpo estendido no chão  
Em vez de rosto uma foto de um gol  
Em vez de reza uma praga de alguém  
E um silêncio servindo de amém...”  
(De Frente pro Crime – João Bosco)

O corpo é o lugar da atenção e da percepção de si e do outro. É nele e através dele que nos apresentamos ao mundo e, antecedendo a palavra, exibimos – mesmo que discretamente – muitas mensagens: gostos, preferências, costumes, inquietudes. É no corpo que habitam as marcas mais profundas do ser e as muitas formas de se querer estar e de se apresentar ao mundo.

“Moldado pelo contexto social e cultural em que o ator se insere, o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída: atividades perceptivas, mas também expressão dos sentimentos, cerimoniais dos ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção da aparência, jogos sutis da sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor, com o sofrimento, etc. Antes de qualquer coisa, a existência é corporal”. (Le Breton, 2012: 7)

No cotidiano da cidade, facilmente, o corpo é associado a uma máquina e o que se espera dela é, acima de tudo, o seu bom funcionamento. Um corpo que funcione bem é aquele sem características que escapam ao formato *sociomidiático* pré-estabelecido. É na mídia que suas representações são amplamente construídas e reproduzidas. Frases clichês tornam-se mantras para que os corpos se adequem a lógica imposta pela mídia para se espalhem pela cidade.

Além disso, há um ato silencioso, atento e cruel: os olhares da cidade, associado a midiaticização, sobre a corporeidade coletiva. Os corpos que não condizem com o que a cidade deseja quase nunca passam despercebidos tampouco são esquecidos. Pode-se dizer que é bom que sejam sempre lembrados para que não se perca a estranheza ao detectar suas diferenças.

No mundo contemporâneo não faltam tensões (padrões) para circundar os corpos, em especial, aqueles que fogem às regras impostas pelo mercado, pela mídia e pelo senso comum e que escapam das convenções de beleza, tamanho, funcionalidade, origem, etnia, entre outras classificações. Sendo o corpo este fio condutor primário para o estabelecimento das relações sociais e coletivas, como a

cidade e os meios de comunicação em geral convivem com os corpos que estão distantes do tipo ideal<sup>2</sup> e como eles sobrevivem a cidade?

A cidade midiaticizada define e cobra, à risca, a implantação de seus padrões. Neste sentido, o papel mediador da comunicação auxilia no entendimento da relação entre os corpos e a cidade: “é impensável a ausência da comunicação. De igual maneira, torna-se paulatinamente impensável a presença da comunicação no sentido até então concebido, a partir da sua formação etimológica – pôr em comum” (PAIVA; 2003).

Este *pôr em comum*, muitas vezes, torna público críticas sobre o corpo do outro para lançar definições que subestimam este corpo que não cabe em uma estética coletiva padronizada, que se difere dos demais e é midiaticamente exposto por isto. Ele está fora do comum. Uma das consequências é o desprezo pelas diferenças e particularidades do ser, recusadas pelo olhar de determinados grupos que se dizem dotados de uma razão superior.

A mídia enquanto dispositivo de poder a serviço de uma comunicação baseada nas fórmulas de mercado, atualiza constantemente as práticas coercitivas que atuam explicitamente sobre a materialidade do corpo. O corpo mensagem, como corpo da comunicação, mutila-se, modifica-se, transforma-se e estetiza-se para servir como aporte de mercadorias/produtos e de conceitos/ideias (Hoff, 2005:32)

Nas últimas semanas, duas colunas jornalísticas de grande circulação, declararam em suas páginas a inconformidade com estes corpos que fogem as *regras*. Uma destas colunas defendia a cobrança de ingresso nas praias da zona sul carioca e a diminuição do número de ônibus que fazem o trajeto Zona Norte-Zona Sul<sup>3</sup> aos finais de semana.

Enquanto isso, a outra colunista se divertia, segundo ela mesma afirmou era um texto de humor, com o comportamento do *pobre* quando vai ao médico ou precisa

---

<sup>2</sup> *Tipo ideal* é expressão importante na discussão metodológica levantada pelo sociólogo Max Weber. “Refere-se à construção de certos elementos da realidade numa concepção logicamente precisa. A palavra ‘ideal’ nada tem com quaisquer espécie de avaliações”(GERTH, H & WRIGHT MILLS, C. “Métodos da ciência social” in WEBER, M. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982, p.73-79). Aqui faço referência direta aos corpos de minorias tais como negros/as, homossexuais, obesos, entre outros que em muitas das vezes são lembrados em situações de violência, ridicularização e preconceito.

<sup>3</sup> O caos já se instalou no Rio, visitado em 13/01/2015: <http://goo.gl/T2MoLQ>. O site original foi retirado do ar.

narrar/cuidar de algum problema de saúde<sup>4</sup>. A consulta clínica tornou-se um evento que influencia no traje, na postura e até mesmo na invenção de doenças – que ofereçam um certo requinte ao paciente de origem pobre.

Obviamente que em tempos de redes sociais e informações quase mais velozes que a luz, a repercussão foi imediata, com direito a desdobramentos infíndos. Resultou em retratação e retirada do conteúdo das *urbes* virtual. A mensagem midiática, entretanto, cumpriu seu papel disseminador e já havia sido dada, está grafada e difundida. Entre rechaços, réplicas, houve também apoiadores e outros leitores que se identificaram com a rejeição ao corpo pobre, em muitas das vezes negro, e fora de lugar por ser ocupante de um espaço tão selecionado quanto a zona sul carioca, suas praias e consultórios médicos.

“Tentou contra a existência num humilde barracão. Joana de tal, por causa de um tal João. Depois de medicada, retirou-se pro seu lar. Aí a notícia carece de exatidão, o lar não mais existe. Ninguém volta ao que acabou, Joana é mais uma mulata triste que errou. Errou na dose, errou no amor. Joana errou de João. Ninguém notou, ninguém morou na dor que era o seu mal. A dor da gente não sai no jornal.”  
(Notícia de jornal – Julinho da Adelaide/ Chico Buarque)

Como bem diz a letra da canção “a dor da gente não sai no jornal”. O que ganha destaque, diante das preferências midiáticas, normalmente, são as mazelas e transtornos que estes corpos sem lugar trazem para a cidade, difundidos através de reportagens, crônicas, comentários e postagens. E não o contrário: pensar, a partir de uma perspectiva *comum* como a cidade recebe e lida com estes corpos que não se encaixam em padrões e regras que, em sua maioria, discriminam, rejeitam e deixam à margem as diferenças.

As práticas comunicativas em comunhão com os corpos e a cidade só podem inserir-se nos processos de mudança se interagir com os campos de experiência nos quais se processam, hoje, estas mudanças. Cuidado, sensibilidade, respeito também são critérios constituintes destas práticas

Pois os meios de comunicação não somente descentralizam as formas de transmissão e circulação do saber, mas constituem um âmbito decisivo de *socialização*, de dispositivos de identificação/projeção das pautas de comportamento, estilos de vida e padrão de gostos (BARBERO, 2003)

---

<sup>4</sup> O plano cobre: <http://oglobo.globo.com/blogs/silvia-pilz/>, visitado em 13/01/2015

Por que estes corpos são escolhidos para crônicas urbanas estampadas nos meios de comunicação que circulam pela cidade? Para muitos, estes corpos são errantes pelo simples fato de existir. Provocação maior é existir e buscar o pleno direito à livre circulação, ao lazer, à praia branca, ao consultório médico que um dia foi somente da patroa e hoje também é da empregada. Diante da dificuldade em reverter esta realidade, resta aos *seleccionados* usar a mídia para, mais uma vez, demarcar o território urbano a que somente eles tinham direito anteriormente e quem pode e porquê pode circular por ele sem ser incomodado, sem vigília e punição.

Segundo Villaça (2014, p.55), pensando a partir de Foucault, “as relações de poder agem sobre ele (o corpo) de forma imediata: investem-no, marcam-no, vestem-no, supliciam-no, aprisionam-no ao trabalho, obrigam-no a cerimônias, em relações complexas e recíprocas”. Sendo assim, conteúdos como estes reafirmam o tratamento de choque que a mídia dissemina sobre os corpos *despadronizados* presentes na cidade.

## **Tirar o corpo fora?**

O corpo pobre, negro, homossexual, gordo, transgênero, e inclassificável – os *corpos-minoria* – incomoda e para que ele exista e faça parte da *urbes* é preciso apontá-lo, sempre que possível como diferente seja no formato de notícia, crônica, humor e até mesmo conteúdo jornalístico. Pedir a readequação do espaço urbano e coletivo, a partir do olhar cruel sobre estes corpos, é assumir a existência de um caráter normalizador que não está aberto para a diferença tampouco para as subjetividades humanas.

Esse esforço midiático em padronizar a estética urbana a partir de discursos e narrativas repletas de (pre)conceitos subliminares tenta produzir uma espécie de universalização do ser, do indivíduo e sua corporeidade e também das formas de estar na cidade. Para Guattari (2000, p.39) “cultura de massa” e “singularidades” são expressões que não combinam entre si

“Elas são, na realidade, incompatíveis. A imprensa, enquanto produtora de cultura de massa, alimenta-se de fluxos de singularidades para produzir dia a dia, individualidades serializadas. Democraticamente ela “amassa” os processos de vida social, em sua riqueza e diferenciação, e, com isso, produz, a cada fornada, indivíduos iguais e processos empobrecidos”

As tensões ocasionadas pela prática midiática de universalização dos corpos e, conseqüentemente, da estética das cidades, fazem com que a experiência de vivenciar as diferenças no encontro com o outro, em espaços coletivos se transformem em uma eterna busca pela adequação de si e de seus corpos para que se seja aceito.

Quem não embarca nessa tentativa perde o direito de ser visto e acolhido a partir de suas subjetividades. Ao contrário, é apontado e excluído pelas suas diferenças. Assim como os olhares de julgamento, os espaços urbanos coletivos também expressam em seus mobiliários, espelhos, poltronas, catracas, acentos, a preferência por determinados tipos de corpos em detrimento a outros.

A comunidade pode representar para o indivíduo a via de estruturação da sua existência; é na relação com o outro que partilhamos o mundo.

O que se coloca em questão quando se fala em comunidade é a possibilidade de haver hoje um projeto comunitário em meio à

heterogeneidade e à atomização societária reinante na grande cidade. Talvez, a primeira tentativa deva ser ingressar nessa ideia com a perspectiva do ser-em-comum (PAIVA, 2003, p. 79).

Nesta reflexão sobre a cidade e seus processos, associados à corrente midiática, Maricato também (1996) oferece contribuições importantes sobre a influência comunicacional na cidade:

“É evidente que a publicidade massiva e a mídia, de um modo geral, tem um papel especial na dissimulação da realidade da cidade e na construção de sua representação sobre os espaços de distinção. É evidente também que a representação ideológica é um instrumento de poder - dar aparência de "natural" e "geral" a um ponto de vista descolado da realidade científica, que é construído por uma minoria, e que, nas cidades, está associado aos expedientes de valorização imobiliária. O que se quer destacar aqui é que não se trata apenas de uma manipulação sem consistência, produto da cabeça de alguns geniais técnicos de marketing. A manipulação das informações, leva em consideração aspectos que estão plantados no imaginário da população, aspectos ligados a seus paradigmas históricos, aspectos ligados à sua identidade ou ainda à sua vontade de mudança de paradigmas existentes”.

Ainda que o cenário contemporâneo mantenha algumas heranças conservadoras do passado no que se refere a heterogeneidade e a busca por um corpo ideal representado por imposições que se distanciam da diversidade, os meios de comunicação alternativos – em especial os digitais – tem apresentado experiências significativas de interação do *corpo-mídia* com a cidade. As performances comunicativas, artísticas e culturais desenvolvidas por indivíduos e coletivos muito tem contribuído para que a discussão sobre os outros corpos possíveis e presentes na cidade, se materialize.

Aquele que torna explícita a relação entre diferença cultural e desigualdade social e a partir daí trabalha para fazer possível uma comunicação que diminua o espaço das exclusões ao aumentar mais o número de emissores e criadores do que o dos meros consumidores (BARBERO, 2003, p. 69)

É certo de que estas novas redes e outras ferramentas de comunicação potencializadas pela a internet não eliminaram o paradigma entre visibilidade midiática e existência sociopolítica: produzir narrativas alternativas não garante que os corpos historicamente em desvantagem superem o lugar em que estão acostumados

a ocupar. A visibilidade quando é capaz de, neste sentido, elaborar outras narrativas tão verdadeiras quanto as ditas tradicionais, logra que determinados problemas sejam reconhecíveis mesmo por quem nos sofrem diretamente, vide a repercussão das crônicas mencionadas acima.

A comunicação implica uma reciprocidade que não pode ser rompida. Portanto, não é possível compreender o pensamento sem referência à sua dupla função: cognoscitiva e comunicativa (...) A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência do saber, mas encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados. (BARBERO, 2002, p. 63)

Desta forma, a comunicação quando entendida como a “colocação em comum” de sentidos da vida e da sociedade:

Comunicar foi e continuará sendo algo muito mais difícil e amplo que informar, pois comunicar é tornar possível que seres humanos reconheçam outros seres humanos em duplo sentido: reconheça seu direito a viver e pensar diferente, e reconheçam a si mesmos nessa diferença, ou seja, que estejam dispostos a lutar a todo momento pela defesa dos direitos dos outros, já que nesses mesmos direitos estão contidos os próprios (p. 70).

A Comunicação não apenas nomeia o mundo, mas o institui (SODRÉ, 2003). Ela cria a realidade e é, a partir de conteúdos simbólicos que se constrói o imaginário dos indivíduos, com reflexos diretos em sua realidade.

Parte-se do pressuposto que a esfera da produção e circulação de sentidos, o campo da produção simbólica, é o espaço mais do que necessário para desenrolar as lutas contra-hegemônicas. É neste espaço que os diferentes grupos sociais circulam e compartilham seus discursos, criam significados e os legitimam de forma mais ampla.

A busca constante por apropriação do conhecimento acerca das novas tecnologias e coerência entre prática e discurso, no que diz respeito às suas especificidades técnicas e políticas, tem sido, não por acaso, pauta frequente para comunidades e movimentos sociais organizados em torno das mais diferentes identidades e causas.



## O corpos estão no mundo e é preciso vê-los

*“Hoje eu vim, minha nega,  
sem saber nada da vida.  
Querendo aprender contigo  
a forma de se viver. As  
coisas estão no mundo só  
que eu preciso aprender”.*  
*(Coisas do Mundo, Minha  
Nega – Paulinho da Viola)*

É no corpo que as relações sociais de produção, circulação, regras, expressões e sua materialização política e espacial se refletem na cidade. A cidade midiaticizada ressignifica esses códigos à sua maneira. A cidade é a forma reificada dessas relações, mas também do amadurecimento das contradições que lhes são próprias. É a unidade de contrários, não apenas pelas profundas desigualdades, mas pela dinâmica da ordem e da explosão. As contradições, na maioria das vezes, explodem, cotidianamente, invisíveis. Bairros e pessoas pobres, assaltos, lixo, doenças, engarrafamentos, drogas, violência, exploração, mercado de coisas e de corpos transformados em coisas. (IASI, 2013).

Reconhecer as diferenças é um tema central na política de aproximação com o outro e na redução das desigualdades. Ter voz no contexto urbano e midiático significa a tentativa de se estabelecer nexos com longo histórico de invisibilização a quais muitos corpos ficaram de fora. Esses processos de produção e estabelecimento de sentidos implicam na construção de identidades e categorias com poder de articular grupos para lutar pela afirmação de novos direitos e pela reparação de violações históricas. Entra em cena práticas e ações de intervenção massiva pelo respeito aos corpos heterogêneos e fundamentais para a vitalidade da urbes.

*“É no lugar, no território que se desenrola a corporeidade da vida cotidiana e da temporalidade – a história – da ação coletiva, base da heterogeneidade humana e da reciprocidade, características fundadoras da comunicação humana, pois, mesmo atravessado pelas redes do global, o lugar segue feito de tecido de proximidades e das solidariedades.” (BARBERO, 2003, p. 58).*

Neste sentido, a cidade é o espaço fundamental e também mais favorável para o encontro das diferenças e para o diálogo entre os corpos. É na cidade que se

descobre o outro e encontra-se sentido de si mesmo na convivência com o próximo. Cabe a mídia o exercício constante de assumir seu papel de tornar comum e público a comunhão dos corpos diversos, múltiplos e heterogêneos e despertar possibilidades sensíveis que não devem parecer esgotadas: comunhão, igualdade, celebração e reconhecimento dos corpos plurais. Negar e subestimar os corpos presentes é também uma forma de mutilação de si mesmo e de um corpo-cidade que deseja estar cada vez mais vivo.

*“Sem pressa foi cada um pro seu lado  
Pensando numa mulher ou no time  
Olhei o corpo no chão e fechei  
Minha janela de frente pro crime...”  
(De Frente pro Crime – João Bosco)*

## Referências Bibliográficas

- GERTH, H & WRIGHT MILLS, C. “Métodos da ciência social” in WEBER, M. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982, p.73-79.
- GUATTARI, Félix & ROLNIK, S. *Micropolíticas: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HOFF, Tânia Márcia Cesar. *O corpo imaginado na publicidade.*, in Cadernos de Pesquisa ESPM. São Paulo: ESPM, n1, vol. 1, mai./jun. 2005, p.9-64.
- LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- MARICATO, E. Brasil, *Cidades: Alternativas Para a Crise Urbana*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro : Editora da UFRJ, 2001 (2. Ed).
- PAIVA, Raquel. *O Espírito comum: comunidade, mídia e globalismo*. Rio de Janeiro: MAUD, 2003.
- SANTAELLA, Lúcia. *Corpo e comunicação: sintoma da cultura*. São Paulo: Paulus, 2004.
- SODRÉ, Muniz. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- VILLAÇA, Nízia & GÓES, Fred. *Em nome do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.